

CONVERSAS COM O RIO DOCE

Maria Celeste Reis F. de Souza
Thiago Martins Santos
Renata Bernardes Faria Campos
Eliene Nery Santana Enes
(Organizadores)

caderno
temático **3**



MEMÓRIAS DO RIO DOCE

Patrícia Falco Genovez
José Luiz Cazarotto



memorial descritivo da capa

Título: Rio Doce I, II e III (tríptico)

Ano: 2015

Artista: Edileila Portes*

Técnica: Gouache s/papel fabriano

Dimensões: 0,45cm x 1,80cm

A obra faz parte de uma trilogia (“Rio Doce I, II e III”; “Figueira I, II e III” e “Ibituruna I, II e III”) concebida por ocasião do desmoronamento da barragem da Samarco, na cidade de Mariana, Minas Gerais, Brasil, em novembro de 2015. Dei à série o título “Rasgos na Alma: ode ao Vale do Rio Doce” fazendo referência aos sentimentos pelos quais nós, os atingidos/moradores do Vale do Rio Doce, passamos diante dessa tragédia, numa denúncia poética, expressão permitida pela Arte. Objetiva, também, fazer uma homenagem ao Vale, focando os sentimentos que os moradores de Governador Valadares - cidade onde moro atualmente - possuem, representados metaforicamente nos símbolos presentes na obra e que são carregados de sentidos: o Rio Doce, a Figueira e a Ibituruna.

Como professora, pesquisadora e artista visual busco com a obra, portanto, homenagear o Vale, sensibilizar os moradores e, ao mesmo tempo, compartilhar os sentimentos vivenciados a partir do ocorrido, principalmente pelos Borum do Watu, sociedade nativa que vive num território situado às margens do rio Doce, próximo a cidade de Resplendor, MG e que vivencia de forma material e simbólica o rio Doce, o Watu para os Borum. Expresso no “Rio Doce I” um rio que ainda exala vida, representada nas cores fortes e na presença dos peixes, que também carregam esta simbologia. Imagem vívida, ainda, na memória dos Borum, segundo relato colhido durante uma pesquisa etnográfica que fiz no território Krenak. No “Rio Doce II”, concebida na noite do desmoronamento, trago a minha angústia diante da notícia que se espalhou de forma contundente: a lama tóxica chega aos borbotões como “chamas de um dragão”, enquanto os peixes tentam “correr para o mar, em vão”. No “Rio Doce III”, o rio muda de cor. Torna-se rubro como a lama que chega: é a hora da sua partida e da morte dos peixes, que emergem agonizantes. Ao fundo das três obras, sob o olhar impotente da Ibituruna, a Vida se esvai. Aqui, justifico o título “Rasgos na Alma” uma vez que essa tragédia não rasgou o Vale só no sentido material, mas a Alma dos entes e seres que nele habitam. O tríptico “Rio Doce I, II e III” ilustra, juntamente com os outros dois trabalhos já referidos, um livro que leva o mesmo título: “Rasgos na Alma: ode ao Vale do Rio Doce”. Trata-se de um poema

* Possui graduação em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialização em Folclore e Cultura Popular e Mestrado em Gestão Integrada do Território. É Membro Efetivo (Pesquisador) da Comissão Mineira de Folclore (2005) e do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri (2019). Atuou como professora assistente da Universidade Vale do Rio Doce de 2002 a 2017. Gere o espaço cultural Ateliê Edileila Portes desde 2014, prestando assessoria e consultoria em Arte e Cultura. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nas seguintes áreas: desenho, composição e plástica, percepção visual, história da arte, arquitetura e urbanismo, teoria do urbanismo, cultura, folclore, identidade, território e territorialidades.



ilustrado, editado pela Editora Atafona, de Belo Horizonte, com a coedição do Ateliê Edileila Portes, do qual sou gestora e tem o apoio cultural da Comissão Mineira de Folclore, onde sou membra efetiva pesquisadora. O conjunto da obra objetiva propor reflexões sobre o tema, que acreditamos pertinente diante da crise ambiental vivenciada no Brasil e no mundo. Desde a sua edição, em novembro de 2017, até o momento, o livro e as obras que o ilustram participaram de um vasto circuito de exposições e lançamentos - da Universidade de Framingham, nos Estados Unidos até livrarias em Belo Horizonte, Governador Valadares e São Paulo. Ongs, Institutos, Escolas, Universidades, Fórum Social Mundial, em Salvador, Feiras internacionais do livro - São Paulo e Buenos Aires - também fizeram parte do circuito. Em abril de 2018, o livro ilustrado foi contemplado com o selo de “Altamente Recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

projeto gráfico, muito além da diagramação

O projeto gráfico elaborado pela Tuia Comunicação para a coleção Conversas com o rio Doce considerou seu uso como ferramenta de aprendizado, ensino e também de pesquisa.

Pensando na unidade visual, as obras da artista Edileila Portes da capa, foram o ponto de partida para criar esse ambiente. As cores foram extraídas das telas. Os elementos gráficos em destaque no rodapé, e também em alguns tópicos, remetem às ondas ou movimentos das águas do rio Doce.

A proporção das páginas, o tamanho das fontes utilizadas no texto, bem como a cor, tanto facilita a leitura em meios eletrônicos como a impressão, visto que o formato da página (folha A4) é comum em impressoras e fotocopiadoras pequenas, presentes na maioria das escolas. E, sendo nesse formato, sua encadernação torna-se mais prática para ser utilizada em rodas de conversas e distribuídos entre alunos.

A disposição do texto foi pensada de uma forma fluida, remetendo às curvas do percurso do rio Doce. Com os recuos de texto e imagens, criam-se também espaços para anotações complementares de professores e alunos.

Esse projeto aproxima a forma da diagramação do conteúdo dos Cadernos Temáticos com a intenção de trazer uma experiência de leitura e aprendizado mais agradáveis.



Todos os direitos reservados. Copyright © 2021 dos autores

Esta coleção foi editorada com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Chamada Universal MCTI/CNPq, edital nº 01/2016, e com auxílio financeiro da Fundação Percival Farquhar, entidade mantenedora da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Venda proibida.

C766m Genovez, Patrícia Falco

História Memórias do rio Doce [livro eletrônico] : caderno temático 3 / Patrícia Falco Genovez e José Luiz Cazarotto; organização Maria Celeste Reis Fernandes de Souza, Thiago Martins Santos, Renata Bernardes Faria Campos e Eliene Nery Santana Enes. – Governador Valadares, MG: Univale Editora, 2021. 29 p. : il., mapas color. – (Conversas com o Rio Doce; 3)

Projeto: Relação com o saber e Educação Ambiental: uma pesquisa com estudantes em tempo integral
ISBN 978-65-87227-18-4 (on-line).

1. Rio Doce – Minas Gerais – História. 2. Barragem de minério – Desastres ambientais. I. Título. II. Série.

CDD 981.51

PROJETO GRÁFICO
Tuia Comunicação
tuiacomunicacao@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz (UNIVALE)

REVISÃO
Patrícia Falco Genovez
José Luiz Cazarotto

CONTATO
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território (PPG-GIT)
territorio@univale.br



Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloqüência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muitas águas em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

(João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*, 1996).



sumário

Apresentação	7
Um Dedo de Prosa	11
Abrindo a Prosa	11
No Fio da Prosa	11
Amarrando a Prosa.....	25
Outras Prosas	26
Referências	28
Sobre os Autores	29



apresentação

Caro (a) Leitor (a),

Este caderno é parte da coletânea “Conversas com o rio Doce”, e esperamos que ele possa render boas conversas para diferentes pessoas e grupos que tenham como propósito compartilhar aprendizagens e saberes sobre o rio e com o rio.

A elaboração deste material é fruto do projeto “Relação com o saber e Educação Ambiental: uma pesquisa com estudantes em tempo integral”**, que tomou o rio Doce como objeto de saber. Os (as) estudantes que participaram da pesquisa trouxeram um mosaico de saberes e manifestaram diferentes desejos de aprendizagem sobre esse rio, antes e depois do rompimento da barragem de Fundão, localizada no município de Mariana, na Região Central de Minas Gerais.

Como moradores de Governador Valadares, cidade mineira localizada às margens do rio Doce, e vivendo os processos desencadeados pelo rompimento da barragem de Fundão, cujos rejeitos de minério atingiram toda a bacia, constatamos que os desejos de aprendizagem dos (as) estudantes ecoavam os nossos desejos e inquietações e, de certo modo, da população valadarense e de outros grupos e populações que vivem ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio Doce.

Em um outro movimento de pesquisa, que se propõe a “cartografar territórios educativos em bairros de Governador Valadares***”, passamos também a compreender o rio Doce como um território educativo. É um rio que nos ensina pelas memórias, pelas relações ecológicas, pelos posicionamentos cidadãos aos quais somos convocados em sua defesa, de modo particular no cenário do rompimento da barragem de Fundão.

Assim, esta coletânea pretende contribuir para que o rio Doce se torne parte de uma prosa educativa que propicie aprendizagens e que se alie a outras vozes, ecoando a denúncia sobre esse desastre, em pleno curso, e suas consequências ambientais e sociais.

A coletânea é um exercício interdisciplinar que contou, em sua elaboração, com os fios da escrita de pessoas ligadas à Agroecologia, às Artes, à Biologia, à Comunicação, ao Direito, à Engenharia, à História, à Matemática, à Psicologia, à Pedagogia, à Química... porque “um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez”, como lembra o poeta João Cabral de Melo Neto. E é justamente devido à di-



A barragem, de responsabilidade da mineradora Samarco/Vale-BHP, rompeu-se no dia 5 de novembro de 2015, despejando aproximadamente 55.000.000m³ de rejeitos de minério na calha do rio Doce, que se espalharam por cerca de 600 km do rio, até chegarem ao litoral do Espírito Santo.

** Apoio: CNPq (Universal 2016/1); UNIVALE; FAPEMIG.

*** Apoio: FAPEMIG (Universal 2018); UNIVALE.



versidade de olhares que, nos diferentes cadernos desta coleção, os (as) autores (as) usam termos distintos para se referirem ao rompimento da barragem e suas consequências, quais sejam desastre, crime, tragédia, desastre-crime, desastre sociotécnico, desastre socioambiental. Esse grupo plural se une em defesa do rio Doce, do seu ecossistema e das populações atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Cadernos Temáticos

1. Histórias do rio Doce

Haruf Salmen Espíndola.

2. Histórias antigas do rio Doce

Haruf Salmen Espíndola.

3. Memórias do rio Doce

Patrícia Falco Genovez

José Luiz Cazarotto

4. Rio Doce: nos fios da arte e da memória

Eliene Nery Santana Enes

João Marcos Parreira Mendonça

5. Comunidades tradicionais no médio rio Doce

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Bianca de Jesus Souza

João Vitor de Freitas Moreira

6. Áreas Protegidas e Unidades de Conservação

Guilherme Antunes de Souza

Fernanda Morozesky Geber

Renata Bernardes Faria Campos

Nájela Priscila dos Santos Moreira

7. Matas ciliares da bacia do rio Doce: impactos do rompimento da barragem de Fundão

Maria Fernanda Brito de Almeida

Renata Bernardes Faria Campos

8. Peixes da bacia do rio Doce: diversidade e principais ameaças

Eunice Maria Nazareth Nonato

Renata Bernardes Faria Campos

Jacqueline Martins de Carvalho Vasconcelos



9. Conversas sobre reparação de direitos no rompimento da barragem da Samarco

Lissandra Lopes Coelho Rocha
Diego Jeangregório Martins Guimarães
lesmy Elisa Gomes Mifarreg

10. Conversas na escola sobre a qualidade da água do rio Doce

Thiago Martins Santos
Ana Luiza de Quadros

11. Conversas entre o rio Doce e as crianças na escola

Karla Nascimento de Almeida
Valdicélio Martins dos Santos
Alessandra Amaral Ferreira
Elizabeth Aparecida de Carvalho
Imoyra Rodrigues dos Santos

12. Conversas entre o rio Doce, adolescentes e jovens na escola

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza
Karla Nascimento de Almeida
Gilda Melo Marques
Edmara Carvalho Novaes

13. Conversas na universidade sobre o desastre da Samarco

Thiago Martins Santos
Maria Gabriela Parenti Bicalho
Wildma Mesquita Silva

Reconhecemos que as conversas com o rio Doce que estabelecemos neste material são a continuidade de tantas outras conversas tecidas no cotidiano por diferentes pessoas, grupos e nas pesquisas. Desejamos que você viva a experiência da leitura e que seja provocado a relembrar suas conversas com o rio Doce e iniciar outras.

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Thiago Martins Santos

Renata Bernardes Faria Campos

Eliene Nery Santana Enes

(Organizadores)



APOIO

ANA – Agência Nacional de Águas

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

OBIT – Observatório Interdisciplinar do Território – UNIVALE

LAD – Laboratório de Didática – Pedagogia /UNIVALE

NIESD – Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – UNIVALE

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Secretaria Municipal de Educação de Governador Valadares a autorização para realizar a pesquisa e a abertura para o desenvolvimento de atividades formativas em Educação Ambiental.

Gratidão e reconhecimento pelo trabalho aos bolsistas de Iniciação Científica da UNIVALE que contribuíram com a primeira pesquisa citada: Giovanni Tavares Neves (Engenharia Civil e Ambiental); Isabela Neto da Silva Paes (Engenharia Civil e Ambiental); Keren Christine Marques Cupertino (Pedagogia); e Rodrigo Felix Ferreira Rezende (Psicologia).



um dedo de prosa

Como conhecer as memórias de um rio? Seria possível conversar com o rio e lhe fazer perguntas sobre sua infância e os acontecimentos que testemunhou? Como o rio falaria de si mesmo e de sua ‘vida’? Em geral, quando pedimos a alguém para falar sobre sua vida, a pessoa sempre começa contando sobre sua infância, relembra onde nasceu e dos momentos marcantes que viveu. Aqui, neste texto, buscaremos estabelecer uma conversa com o rio Doce, colocando-o enquanto protagonista de suas memórias.

abrindo a prosa

Assim, vamos usar de alguns artifícios que nos permitam conversar com o rio Doce e com a Bacia Hidrográfica que o abriga. Primeiro, a fantasia onde o rio fala de si mesmo, afinal, a memória dele que aflora, quando um grupo de crianças, acompanhado por uma professora, chama o rio para uma conversa; e, o segundo, é a forma de diálogo entre as crianças, a professora e o rio que, além de permitir uma linguagem acessível, amplia os “rumos” que essa prosa pode tomar.

no fio da prosa

Tendo isso presente, organizamos as “memórias” como uma narrativa ao longo do tempo, considerando quatro momentos pelos quais o rio Doce teria passado: as memórias ancestrais (ou memória dos tempos orgânicos), memórias do encontro, memórias da invasão e memória da destruição.

MEMÓRIAS ANCESTRAIS (OU MEMÓRIA DOS TEMPOS ORGÂNICOS)

Num dia de setembro, quando os ipês ainda estavam floridos, um grupo de alunos de uma escola, acompanhados pela professora de ciências, fez um passeio junto ao rio Doce. Chegaram, tomaram um lanche e foram ouvir o rio à sombra de uma figueira numa pequena praia às suas margens.

Sentaram-se em semicírculo na areiam, de frente para o rio. Uma das crianças, que se chamava Clara, perguntou:

– Por que você se chama “rio Doce”?

– Deve ser por causa de minhas águas; elas são doces. Quem sabe também seja porque sou um rio calmo – respondeu o rio através de suas pequenas ondas que lambiam a areia branca da pequena praia. Eu desfilo docemente pelos vales e só de vez em quando tenho umas corredeiras entre as pedras... Deve ser por isso. Mas, eu



tenho também outros nomes como, por exemplo, Watu, que os krenak carinhosa e respeitosamente me chamam. Outros também poderiam me chamar de Yguassu, que quer dizer rio grande ou grandes águas. Houve gente que me chamou de rio que tem Ygaropaba, isto é, rio que tem porto de canoas. Mas disso vou falar mais tarde.

– Que interessante estas palavras antigas! E onde você nasceu? Onde você começa a correr para o mar? – quis ainda saber Clara.

– Esta é uma pergunta difícil de responder. Tenho muitos colaboradores, que vocês chamam de afluentes, e cada um deles começa numa fonte diferente; é o que vocês chamam de nascentes. No meu lado direito, eu acolho o Casca, o Manhuaçu, o Guandu, o Caratinga e diversos outros rios. Já do outro lado, tenho sempre a visita do Piracicaba, do Corrente, do Suaçuí, do Santo Antônio e por aí vai. Na verdade, somos muitos rios juntos e é um exagero dizer que todos eles sou eu.

– Mas como vou saber qual é o seu lado direito e lado esquerdo? – quis saber a curiosa Clara.

– É fácil. Imagina que você está lá no meio, naquelas pedras. Aí você olha para onde a água está indo. Tudo o que estiver do teu lado direito, é o meu lado direito e tudo o que estiver no teu lado esquerdo é o meu lado esquerdo. Ah... quero te contar sobre o um dos nomes que mais gosto! Piracicaba. Você sabe o que quer dizer? Piracicaba quer dizer casa da mãe dos peixes ou mesmo, lugar onde tem muito peixe. Mas vamos ao lugar de meu nascimento.

– É isso mesmo. Onde você começa? – voltou a insistir Clara.

– A minha fonte mais distante do mar fica na serra na Mantiqueira, em Ressaquinha. Ela está a uma distância de quase 900 quilômetros do mar. A água que sai daquela fonte leva quase duas semanas para chegar ao mar; mas, disso não tenho certeza porque depende de muitas coisas: chuva, tempo que fica parada nas represas e coisas assim. Se minha correnteza pudesse “caminhar” sem que nada atrapalhasse levaria duas semanas para chegar ao mar. Na realidade, esta “fonte” dá origem ao rio Piranga, que quer dizer “vermelho”. Vocês devem lembrar de outro Piranga, o Ipiranga, lá em São Paulo, onde Dom Pedro teria proclamado a Independência. A cor dele se deve às terras que a chuva leva para o seu leito. Em algum lugar próximo ao rio Piranga, onde tenho a minha origem existe até uma placa (Figura 1).





Figura 1: Placa indicativa da nascente do rio Piranga que vai formar o rio Doce em área de preservação. Fonte: Jornal Hoje em Dia (2020).

Essa placa que você vê acima como se fosse minha certidão de nascimento!! O Piranga tem uma cor meio alaranjada e quando encontra com o rio do Carmo as águas ficam diferentes!! No início, elas não se misturam, mas logo formam um único rio (Figura 2).



Figura 2: Encontro do Piranga com o Carmo: aqui é o início do rio Doce. Fonte: Wikipdia (2020).

– Mas isto é outra história. Como vocês podem ver, cada um dos meus colaboradores tem um nome diferente – continuou o rio – eu tenho esse nome de “rio Doce” só depois do encontro das águas dos rios Piranga e o do Carmo lá pras bandas de Ponte Nova. Vocês já ouviram falar de Ponte Nova? É uma cidade bonita.

A professora Beatriz ficou impressionada com o diálogo e se aproximou.



– Que legal! – disse a professora entusiasmada. – Gostaríamos que você nos contasse a sua história. Como foi a sua vida? Como está sendo a sua vida? O que você lembra de tudo o que lhe aconteceu?

O rio demorou um pouco para responder, porque no caso de sua história ela era longa, mas muito longa mesmo e também com momentos alegres e divertidos, mas também tempos muito tristes. Quando se tem uma história triste, a gente demora a falar sobre ela. Depois de limpar a garganta, ele começou:

– Como tenho muitos anos para lembrar, vou tentar organizar as minhas lembranças em quatro partes. Assim, não vou confundir vocês! Vamos lá! A primeira parte vou chamar de memórias ancestrais que contará minha vida orgânica; a segunda, de memórias do encontro com os primeiros humanos. A terceira parte será a lembrança de uma invasão e a última, muito triste, a lembrança mais recente que tenho da tentativa de minha destruição.

– Está bem assim! Vamos ouvir as suas memórias ancestrais. Queremos ouvir suas lembranças da sua vida orgânica por primeiro – disse a professora.

– Que triste! A última é a sua destruição! – lamentou Clara com olhar de preocupação.

Então, o rio contou que, por muitos milhares de anos, e quem sabe até muitos milhões, a sua vida foi muito equilibrada e até monótona: as águas nasciam lá no alto das montanhas e iam descendo pelos vales até chegar ao mar. As mudanças até poderiam ser grandes, mas demoravam muito, muito mesmo para acontecer. Contou que as rochas sobre as quais está assentado o seu vale estão entre as mais antigas da Terra; contam com idade de até bilhões de anos. Ele informou que as montanhas eram muito mais altas, mas com o tempo elas foram sendo desgastadas e levadas para o fundo dos vales e para o mar. De tempos em tempos, houve muito frio e as suas águas congelavam. Isso aconteceu por milhões de anos e a cada 100 mil anos mais ou menos se completava um ciclo. A última vez que isso aconteceu foi há 15 mil anos. E o frio começou a perder força há uns 10 mil anos. Neste caso, aconteceu o que os humanos chamam de “era do gelo” ou ainda “era glacial”.¹

Depois ele disse que voltava o calor de novo, aos poucos. O último máximo glacial, que é o período de máximo de frio, aconteceu há 18 mil anos atrás. A paisagem então era bem diferente daquela que temos hoje. Essa região além de fria era seca, parecendo com a vegetação da Caatinga. Em suas lembranças ele afirmou que o clima frio das glaciações ajudou na erosão das montanhas e com isso a formação de terrenos aluvionais nas bacias. Assim, só ficam para trás as rochas mais duras e resistentes. Isso explica um pouco a formação dos vales e das montanhas de rochas muito duras que temos no vale do rio Doce. Com essas mudanças, alteravam-se também o tipo de vegetação das florestas por onde ele passava. Houve tempos em que praticamente não havia árvores grandes; somente pequenos arbustos. Nestes



1 Para saber mais, leia: <https://revistapesquisa.fapesp.br/temporais-na-era-do-gelo/>



ciclos, a vegetação passava de floresta para savana e, por fim, apenas um gramado com algumas árvores pequenas e esparsas, como vemos no cerrado.

Depois, com a mudança do clima, isto é, com o calor e as chuvas, as florestas voltavam de novo. Como ele vivia de água, essas mudanças mudavam a vida dele.

Ele lembrou também dos seus companheiros mais antigos, aqueles que estão ao redor dele. Dentre eles, as montanhas. Lembrou-se que aos poucos foi levando parte delas para os vales e para o mar. Mas, outros companheiros também apareceram em suas memórias: os peixes, animais muito antigos. Ele mesmo não soube dizer de onde eles vieram.

– Os peixes devem ter vindo do mar – disse pensativo. – Eles também mudaram ao longo do tempo; foram se acostumando à água doce, às corredeiras, à comida que encontravam por aqui e assim por diante. Muitos foram desaparecendo, outros estão aqui há muitos e muitos anos. De um modo geral, têm sempre a mesma aparência. Não mudam em nada. Quero dizer, mudam muito devagar. Além do mais, eles dependem do que encontram para comer e do lugar onde vivem. Como já disse antes, se os peixes vivem de frutas, se as árvores que dão aquelas frutas, como a pitanga, por exemplo, desaparecerem, eles não vão ter o que comer ou vão ter que comer outras coisas. A fome faz até uma pedra parecer saborosa – disse rindo. – Claro, quando as águas secam ou quando congelam, eles migram ou se adaptam à água gelada.

– Por que você chama estas suas primeiras lembranças de “orgânica”? – quis saber Luizinho.

– É simples. Nesta minha primeira fase, as mudanças eram lentas, equilibradas. Na verdade, quase toda a minha vida foi esta primeira fase. Mas quando mudava o ambiente, tudo mudava junto. Por exemplo, quando fazia muito frio, todos sentiam isso: as plantas, os peixes, as aves... Até as pedras sofrem com o frio. Vocês sabem que a água quando congela aumenta de volume e é capaz de estourar as rochas? Também a direção do vento muda com o tempo e, conseqüentemente, temos mais chuva ou menos, mais calor ou menos. Por isso, chamo este tempo de orgânico porque tudo muda em conjunto, como se tudo fosse parte de um grande conjunto e eu sou apenas uma parte dele. Eu não estou separado daquilo que me cerca: dependendo dos vales para obter a água das chuvas, do declive para poder andar. Eu não sou isolado; eu vivo com tudo o que me cerca. E, neste sentido, eu também sou um ser vivo. Se o clima traz chuva, eu vivo; se não traz, eu vou ficando cada vez menor.

– Você tem saudades deste tempo antigo? – quis saber Cláudia.

– Sim e não. Sim porque na realidade eu sou ainda hoje aquele rio de muitos séculos atrás; de milhões de anos atrás. Vivo do mesmo jeito: na época de chuvas tenho bastante água e na seca fico bem “magrinho”. Também não sinto saudades: as grandes mudanças demoravam mais de 100 mil anos para acontecer. Era uma espera muito grande para acontecer uma novidade daquelas graúdas! Claro, sempre gostei de novidades, mesmo porque não tinha outra alternativa. Eu vivo da novidade da chuva, do clima, de tudo o que encontro no meu caminho.

– Que marcas ficaram em você deste tempo tão antigo? – perguntou a professora.



– Olhando meu caminho de hoje às vezes não é fácil responder. Primeiro, um rio caminha por onde pode. Eu não nasci como sou hoje. Em alguns lugares eu andei em ziguezague por milênios até que um dia daqueles tempos bem antigos, em que eu recebi muita água de uma só vez, mas muita água mesmo, eu fiz das curvas uma reta, digo, mais ou menos reta. Nos tempos em que as florestas desapareciam, as chuvas traziam para dentro do meu leito muita terra, digo lama. Isso às vezes me tornava raso. Tão raso que nas épocas de seca, eu deixava de correr em alguns lugares. Vocês podem imaginar algo assim olhando para essa imensidão de água aqui na frente de vocês? Por exemplo, há 20 mil anos atrás, a temperatura aqui onde vocês estão era na média de 5 graus abaixo de zero e a chuva era de no máximo 100 mm anuais, eu disse anuais; isso é o mesmo que uma boa pancada de chuva hoje em dia. Isso quer dizer: muito frio e seco. Posso reclamar de muitas coisas em minha vida, mas não posso dizer que ela foi monótona. Com isso, praticamente, desde o lugar onde eu recebo o nome de Doce até o mar, eu sou um rio de planície, cheio de curvas suaves, algumas ilhas e corredeiras. Sou bem calmo, doce mesmo. Até uns antigos me chamavam de Ygarapê jatimá timián, isto é, rio de muitas curvas. Agora não posso dizer o mesmo de meus afluentes que descem “pulando” lá de cima das montanhas, de cachoeira em cachoeira parecendo cabritos.

– Como é que se forma um rio? – questionou Francisco.

– Cada rio tem uma história que é só dele. Não existem dois rios iguais. Se você quer um modo de compreender como se forma um rio, esparrame uma lata de areia no chão e faça uma pequena planície dela. Depois você faz um pequeno buraco no meio desse monte de areia. Aí você vai derramando água no buraco até que uma hora, a água começa a transbordar. Nessa hora ela começou a formar um rio. Se ela nunca transbordar, a água forma um lago. Vocês podem ver que onde a água passa ela faz o seu caminho; umas vezes mais rápida e, outras vezes, mais demorada. Os cânions são vales que os rios abrem nas rochas ao longo do tempo com muita paciência. Um exemplo disso é a cachoeira.



Figura 3: Cachoeira Escura (Rio Doce). Fonte: Câmara Municipal de Belo Oriente (2021)



– E por que às vezes você muda de cor? – falou baixinho Isaura. – É porque você está fazendo coisa errada?

– Como eu disse antes, eu vivo das águas que eu recebo. – Disse o rio todo cuidadoso para que os alunos não achassem que água escura fosse sempre sujeira.

– Quando havia muitas florestas, a água quase sempre era bem branquinha, cristalina mesmo. Depois que derrubaram as matas, ou quando o clima mudava a paisagem, a água da chuva vem com tudo o que ela encontra pelo caminho: areia, argila, folhas, restos de árvores apodrecidos e assim por diante. Na época de chuva, por vezes fico até vermelho, mas não é de vergonha! As águas que recebo que vêm com muita terra e os grãos da argila ou da areia ficam em suspensão na minha água e dão esse tom alaranjado. Parte desta terra vai se depositando no meu leito e parte vai comigo para o mar.

Ele disse ainda que teria muitas coisas a contar de sua longa história, mas essas, para ele, eram as mais importantes.

MEMÓRIAS DO ENCONTRO

As crianças ficaram olhando para o rio tão largo, tão tranquilo, tão simples e ao mesmo tempo medonho, perigoso... Quase um monstro. Neste momento, Fernandinho teve uma ideia e perguntou para o rio:

– Como foi o teu primeiro encontro com os humanos, com gente como a gente?

– Aproveito que você fez esta pergunta e conto então as minhas lembranças de um momento interessante da minha vida, a segunda fase de minhas memórias. Isto foi depois da última vez que passei muito frio, mas se não me falha a memória, aconteceu mais ou menos ao mesmo tempo. O frio ainda influenciava a paisagem. As matas com árvores já tinham voltado aos poucos. Um dia, vi numa de minhas margens, um grupo de pessoas que caminhavam em grupo. Acho que elas procuravam um lugar para morar ou pelo menos, passar um tempo. Convivi com eles muito tempo.

– E o que eles faziam? – perguntou curiosa Dulcineia.

– Eles eram muito divertidos. Pescavam em minhas águas, tomavam banho nos remansos, bebiam minha água. Ao longo do tempo, diversos grupos e diferentes entre si moraram por estas terras, mas todos eles foram bem respeitosos. Se eu dependesse deles, as mudanças seriam sempre lentas e relacionadas às mudanças do clima que de outra coisa. Eles faziam pequenas fogueiras para assar os peixes e sua comida. Viviam mais de peixes e pequenos animais da floresta.

Depois de um momento de silêncio ele continuou:

– Ah! Ia esquecendo. Eles inventaram a tal de canoa. Assim, muitos deles podiam ir de um lado para o outro do rio sem precisar nadar. Alguns deles chamavam a canoa de Ygara. O lugar onde eles amarravam as Canoas eles chamavam de Ygarapaba, outros chamaram de porto de Canoas. Vocês sabiam que um nome antigo de Govern-



dor Valadares é Porto das Canoas, ou na língua de alguns deles: Ygarapaba? Muitas vezes ouvi eles dizerem que eu era um Ygara-apé... Que quer dizer: o caminho da canoa. E é verdade. A canoa usa o rio como uma estrada, um caminho.

– E o que eles transportavam nas canoas, nas aguara? – arriscou Luizinho.

– Ah, você quis dizer Ygara? Nelas eles transportavam muitas coisas. Além deles mesmos. Mas eles levavam mandioca, milho, alguns pequenos animais, as armas deles: arcos, flechas, e coisas assim. Ah sim, muitas frutas. Estas florestas eram ricas em frutas. Assim, a vida com estes humanos foi uma vida muito calma; uma beleza.

– Mas foram só os índios que andaram por aqui? – questionou a professora.

– Eu não costumava chamá-los de índios. Quem os chamava assim, chegou por aqui depois. Eram um pouco diferentes e falavam outra língua. Eles também começaram a andar por essas bandas. De tempos em tempos, gente estranha aparecia, vestida com roupas grossas e armas de fogo. Eles não estavam interessados nem nas florestas, nem nos animais, nem nas águas. Eles buscavam coisas muito especiais para eles, mas que não dizem nada para mim: ouro, prata, diamantes e coisas assim.

– E de onde eles vinham? – quis de novo saber Luizinho.

– Ah isso não sei ao certo. Pelo que lembro, eles vinham do mar e iam subindo, passando pelas corredeiras. Não era tarefa fácil, mas quando se tem um sonho ou se busca ouro todos os caminhos são possíveis. Isso aconteceu mais ou menos ao mesmo tempo da primeira fase da invasão. Entre a invasão e a descoberta do ouro, próximo ao lugar onde nasci, muitas pessoas subiram e desceram pelo meu leito. Alguns contaram histórias mirabolantes sobre minhas águas e sobre as riquezas existentes nestas bandas. Inúmeros viajantes passaram pelas minhas corredeiras e registraram suas experiências em livros que foram parar na Europa!! Lá, eles conheceram a minha grandeza e as descrições das matas exuberantes que existiram nas minhas margens. Falavam que os meus primeiros amigos eram maus e que comiam gente, mas se isso é verdade eu não sei. Penso que não!! De qualquer forma, os homens estranhos acabaram declarando guerra a eles e mataram muitos! Restaram poucos e, apesar de tudo, os seus descendentes me valorizam e me reconhecem como uma parte essencial de suas vidas. Tudo isso ocorreu alguns anos antes de iniciar a formação desta cidade, onde vocês moram. Mas, isso vou contar na última parte das minhas memórias. Agora, vou contar sobre o início da invasão próximo ao local do meu nascimento.

MEMÓRIAS DA INVASÃO

O rio, depois de uma pequena pausa para pensar um pouco sobre a terceira fase de suas memórias, disse com certo temor de não ser exato:

– Não sei bem como começar esta terceira fase de minhas memórias. Qual seria o primeiro acontecimento que do meu ponto de vista, seria o primeiro passo daquilo que chamo de “invasão”.



- Invasão! – exclamou Agostinho. – Quem foram os invasores?
- Bom, antes de falar deles, vou falar daquilo que eu dizia: o primeiro passo. Durante muitos anos, na fase de encontro, o máximo que os seres humanos faziam aqui era ir de um lado para outro com as canoas, levando gente, mercadoria e coisas assim. Mas, para mim, o primeiro passo da nova fase foi a construção de pontes.
- Ponte? Como uma ponte pode ser uma invasão? – questionou de novo Agostinho.
- Vamos por partes. A ponte em si não quer dizer muito. Ela só permite ir de um lado do rio para o outro, mas acontece que a ponte está ligada a estradas; as estradas levam a cidades; as cidades podem precisar de produtos que temos aqui junto às margens do rio, como madeira, alimentos, frutos, etc. Para que estes produtos cheguem até às cidades, precisam-se dos meios de transportes. Até aqui nada de novo.
- Nossa! Como uma ponte é importante! – concluiu a professora.
- Vamos dar um passo atrás no tempo; antes das pontes. Imaginem que vocês estão num avião. Ou como dizem hoje em dia: num drone. Lá em cima, bem no alto. Então vocês vão poder ver não só este pedacinho do rio aqui na frente de vocês, mas vocês vão poder ver toda a bacia percorrida pelas minhas águas. Desde as serras como a do Espinhaço, a Mantiqueira e assim por diante até o mar lá em Linhares, no Espírito Santo. Trezentos anos atrás, lá para as bandas de Mariana e Ouro Preto, por exemplo, milhares de pessoas vieram morar ali. Antes ali viviam apenas alguns moradores antigos esparramados e nada mais.
- E por que as pessoas vieram morar ali no meio do nada? – quis saber Clara.
- No meio do nada? Mais de 300 anos atrás os humanos descobriram ouro ali. Quando descobriram ouro foi uma febre. Na verdade, foi uma verdadeira “corrida do ouro”. As pessoas deixavam tudo para ir achar ouro. Em pouco tempo, onde não havia nada, isto é, onde existiam só matas, surgiram cidades inteiras. Por isso, as estradas eram importantes não só para transportar o ouro, mas também para transportar alimentos para os moradores daquelas cidades. Imaginem que a carne vinha em lombo de mulas lá do Rio Grande do Sul a mais de 2.000 km de distância daqui. Demorava uma eternidade. Penso que levava meses para chegar. E as estradas de então eram o fim da picada, ou melhor, apenas picadas. Por isso é que se dizia que a carne ou qualquer comida valia ouro e era verdade.
- Isso sim foi uma verdadeira invasão! – exclamou Ivanira.
- Vocês não sabem o que as pessoas são capazes de fazer pelo ouro. Abandonavam as suas terras, suas famílias e tudo o que tinham lá longe na Europa para achar ouro. Queriam ficar ricos da noite para o dia. Eles pensavam que ao voltarem com ouro poderiam viver nadando em riqueza. Poderiam comprar palácios, castelos e terras. Comprar tudo o que o ouro compra. Mas, muitos nem voltaram mais. Ficaram por aqui ou mesmo ou morreram de tanta ganância. Sempre queriam mais e mais...
- Mas o que o ouro tem a ver com a sua vida? – perguntou a professora.



– Vocês sabem que sem água não se pode encontrar ouro. Assim, podemos dizer que a primeira invasão foi lá nas cabeceiras dos meus “colaboradores” como o Piranga, Carmo e assim por diante. O ouro estava no meio da areia, e com a água eles separavam nas bateias, a areia do ouro. Era a maior festa. Mas as águas dos meus amigos, nunca mais foram as mesmas.

– E o que tem a ver a Ponte com tudo isso que você está contando? – continuou a professora.

– A ponte é um símbolo da segunda fase desta invasão, mas também um símbolo das estradas; as estradas, diferentemente das canoas, não andam no rio, precisam de pontes. Com o tempo, o ouro que era encontrado facilmente, foi acabando. A mesma coisa com os diamantes, mas esses eram de outra bacia, a do rio São Francisco. Entretanto as riquezas daqui não terminaram. Então, com o passar do tempo, as pessoas foram em busca de novas “riquezas”. Assim, a invasão passou por pelo menos três fases, depois daquela do ouro: a fase da agricultura e pecuária, a fase da indústria e a nova fase da mineração de pedras preciosas. Contar a história de tudo isso e como isso influenciou na minha vida não é ir longe demais? Vocês vão aguentar?

– Aguentamos sim! – gritaram os alunos doidos por saber mais novidades.

– Vou falar mais da agricultura e da pecuária que mudaram a paisagem definitivamente. Mas, a indústria também influenciou e mudou muito a paisagem.

– Nossa, nem tinha pensado que a indústria influencia a vida dele e que as pedras preciosas estão em sua Bacia Hidrográfica! – comentou Clara com a professora.

– Então, vamos começar na produção de alimentos e na criação de gado. Aqui, por muitos anos, quem sabe até uns 8 mil anos, tudo na minha bacia era coberto por florestas. Como eu disse lá na primeira parte, nem sempre as florestas eram como são hoje, ali no Parque do Rio Doce. Elas mudavam com o clima. Mas, quando os seres humanos decidiram plantar milho, feijão, mandioca, etc. em grande escala e criar pastagens para o gado, eles derrubaram as matas. Essas matas levaram milhares de anos para se formar, como vocês viram. Elas precisavam de clima, de chuva e coisas assim. Bom, os fazendeiros usaram a madeira de lei para fazer móveis, por exemplo, e queimaram o que não interessava. E tudo está virando quase um deserto!

– Como assim, um deserto? – quis saber a curiosa Clara.

– Vou explicar. As pessoas não podem plantar no meio da floresta. Para “limpar” a área derrubavam as florestas e queimavam tudo. Era o sistema de coivara. Depois disso, eles produziam naquele espaço, agora livre das matas, os alimentos por uns anos e depois que o solo não era mais fértil, eles plantavam grama para criar o gado. Agora, olhem para o outro lado do rio. O que vocês veem lá. Um capinzal que não tem fim e a terra desprotegida. Quando chove a água leva parte da terra para dentro dos rios. Com o tempo, a terra não vai mais ser fértil e nada mais pode ser produzido, quem sabe nem mesmo capim, como vocês podem ver nas voçorocas.



- Com que se come isso? – disse Luizinho.
- Não é comida, são aquelas enormes valetas abertas pela chuva nos morros como aquele que você pode ver ali, naquela colina.
- E o problema da indústria? – levantou a ideia a professora.
- Mas as coisas não param aqui. Há uns 150 anos atrás, mais ou menos, já depois que a febre do ouro e dos diamantes tinha se acalmado, foram descobertas enormes jazidas de minério de ferro, além de outros minérios. Como vocês sabem, na minha bacia temos o “Vale do Aço”, junto do rio Piracicaba. Ali, temos usinas siderúrgicas e metalúrgicas. Para fazer o ferro eles precisam de lenha e carvão para fundir o minério de ferro. Então, parte da floresta também foi usada para isso e foi mais um choque nas matas. Mas, também foram feitos reflorestamentos para se produzir carvão.
- Carvão para churrasco? Oba! – exclamou Luizinho.
- Antes fosse só para churrasco. As usinas necessitavam de montanhas de carvão. Por outro lado, temos também as fábricas de papel e para isso elas precisam de madeira para fazer papel. Por isso, elas plantam grandes florestas uniformes de pinus ou outra árvore que servem para o que eles precisam.
- Eu ouvi bem? Então se faz papel com árvore? – quis saber de novo Luizinho.
- Não é bem de árvore, mas com a celulose, isto é, de uma parte da árvore.
- E quais foram os efeitos da falta de floresta na tua vida? – perguntou a professora.
- Enorme. Primeiro, as florestas são a garantia de chuvas perenes, uma vez que elas mantêm a umidade. Mas não é só isso. As florestas “seguram” as águas das chuvas e vão devolvendo aos poucos para os rios; vocês sabiam que 75% da água da chuva antes de ir ao solo, fica nas árvores? Elas funcionam como uma toalha encharcada num varal que vai pingando a água aos poucos. Assim, os rios correm o ano todo com essa reserva de água que fica na floresta. Sem a floresta, as águas das chuvas correm imediatamente para os vales e causam enormes enchentes, mas o pior é que toda a água da chuva vai embora de uma vez só e rápido, deixando pouca umidade no ambiente, do mesmo modo que a chuva cai em cima das telhas e corre para as calhas.
- Depois de uma pequena pausa para tomar ar, uma vez que o rio não toma água. Ele continuou:
- Mas voltando à ponte... Tudo isso não teria sido possível sem estradas que trouxessem as pessoas e levassem os produtos. Assim, podemos dizer que as pontes e as estradas foram os meios para que a situação de invasão fosse possível. Antes das estradas, a melhor estrada era o rio.
- Então, foram as riquezas que havia aqui ou as possibilidades de produzir alimentos que levaram a esta invasão? – perguntou a professora.
- Não é bem assim. Em parte isso é verdade, mas não é toda a verdade. Lá nas cabe-



ceiras dos meus “colegas” o clima é bem diferente daquele do parque do Rio Doce até o mar. Lá é até frio e com isso não temos as doenças que temos aqui. Com o clima quente uma das doenças mais comuns era a malária. Muitos acreditavam que a malária e muitas outras doenças, existiam porque existia a floresta. Então, para tornar o clima da região saudável, uma coisa importante era acabar com a floresta. Um século atrás os conhecimentos sobre as causas das doenças não eram tão profundos e sólidos como os que temos hoje. Até tem gente que diz que a floresta criava certos miasmas!

– Agora sim. Isso se come com alguma coisa! – exclamou Luizinho.

– Agora vou ser chique – disse o rio. – Miasma é uma palavra que vem do grego e que significa “mancha”. Então as pessoas pensavam que nas florestas havia uma espécie de mancha que favorecia a propagação de doenças. Elas não sabiam bem por que motivos em certos lugares as pessoas adoeciam. Hoje se sabe que essas doenças vêm de micro-organismos, mas nos tempos antigos não havia microscópio para ver esses bichinhos. Eles só sabiam que quem morasse em determinados lugares, ficavam com o amarelo, com febre e assim por diante. Por isso, além do motivo de produção de alimentos, pode-se dizer que as florestas podem ter sido derrubadas porque se acreditava que era necessário desmatar para que as pessoas pudessem viver.

– Então tivemos a “corrida do ouro”, tivemos a mineração, tivemos a produção de alimentos, e como fica a indústria ou as cidades na sua história? – resumiu a professora.

– Ao mesmo tempo, ao longo de meu caminho, foram surgindo cidades. Muita gente passou a morar nessas cidades e a lançar lixo nas águas. Não só lixo das casas, mas também das indústrias. Pode-se dizer que neste momento começa um processo de destruição da minha vida. Além disso, a extração desmedida do ouro e de outros minérios (dentre eles, a mica), acabou trazendo para minhas águas alguns produtos nocivos à vida, como o mercúrio, por exemplo. Já nesta época, as populações que se formaram em minhas margens usavam minhas águas para beber, regar as plantas, preparar os alimentos e tomarem banho. Sem as minhas águas, as cidades não existiriam. Esses novos moradores foram formando moradias em vários pontos em minhas margens. Aqui mesmo, onde estamos conversando as pessoas nadavam, lavavam roupas e se sentavam contemplando a minha passagem. Contavam para as crianças algumas lendas a meu respeito. Outros preferiam pescar em minhas águas. Eles também contavam muitas histórias sobre as minhas corredeiras. Alguns moradores, que se estabeleceram longe da minha margem, por vezes nem se lembravam da minha existência. Com o tempo, a cidade onde vocês moram começou a crescer tanto que foi se distanciando de mim... A distância foi se tornando tão grande que, gradativamente, fui sendo destruído.

MEMÓRIA DA DESTRUIÇÃO

Neste momento, Vitor retirou de dentro de sua mochila um jornal onde havia fotografias do rio quando a lama da barragem da Samarco chegou a Valadares. Ele



mostrou para os colegas e a professora. Era uma imagem medonha; o vertedouro da represa de Baguari jorrava lama (FIGURA 4).

– Fale um pouco disso – disse Vitor mostrando a fotografia.



Figura 4: Vertedouro da Usina Baguari. Fonte: Aconteceu no Vale (2015).

– A última fase das minhas memórias tem um período curto, se comparado com os anteriores, mas nem por isso menos importante. Eu diria que essa última fase talvez seja a mais crítica de toda a minha existência. Ela começou com as cidades que retiram a água do rio e depois de poluída, lançam de novo sem tratamento. Chega às minhas águas todo tipo de poluição química que já estava prejudicando e matando algumas formas de vida encontradas nas minhas águas. Mas, a pior coisa foi o que aconteceu em 2015, quando um mar de lama, que ninguém sabe bem o que tinha nela, percorreu quase toda a minha extensão indo parar no mar.

Nesse momento, o rio ficou em silêncio.

O Vitor ficou animado e disse:

– Posso informar um pouco sobre isso?

– Pode – disse o rio.

– Pois é, eu li aqui no jornal que foram 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos. Eu pedi ao meu pai para me dar um exemplo do que significa essa quantidade imensa!! Daí ele me disse: - Daqui a São Paulo temos mais ou menos mil quilômetros de distância. Se colocarmos cubos de um metro, um ao lado do outro, daria para fazer 62 vezes o caminho daqui para São Paulo. Sabe que mesmo assim, ainda estou com dificuldades de imaginar tudo isso de lama sendo carregado pelas águas do rio...

– Deixem-me dar uma outra imagem – disse a professora. – Imaginem que vocês estão no Parque Natural Municipal. Ali perto do rio e do pico da Ibituruna. Então vocês olham para o pico ou a pedra da Ibituruna. Ela tem mais ou menos 1000 metros de altura, digo, desde o parque até as torres lá em cima. Muito bem. Vejam



que a pedra tem a forma aproximada de um cone cuja altura é de mil metros. Vamos dizer que a sua base, mais ou menos, tenha um diâmetro de mil metros. Com isso vocês têm uma ideia do volume. Vamos pensar assim: a altura do cone é de 1000 metros, vamos dizer que o diâmetro de sua base seja também de 1000 metros. Qual seria então o volume da montanha em metros cúbicos. Neste caso seria 25 milhões de metros cúbicos. Ora, se o volume de rejeitos foi de 62 milhões, então podemos ter uma ideia de quanta sujeira entrou rio. Quase duas vezes e meia o pico da Ibituruna. Tudo isso de uma vez: lama e mais lama.

– O quê? Duas vezes e meia aquela montanha enorme de lama jogadas no rio? – exclamou Clara. – Agora sim tenho uma ideia do que foi que aconteceu.

– E tem mais – continuou o rio – essa lama foi se depositando no fundo das águas e nas margens. Onde essa lama secou, virou um tipo de tijolo. Nada nasce ali. Todos os peixes que estavam nas águas naqueles dias morreram. Os que viviam de pesca perderam tudo. Os que usavam minha água para irrigação ou para dar aos animais, não puderam mais usar. Simplesmente, a água não servia para nada. Todos os moradores ribeirinhos ao meu leito, que usavam minhas águas para consumo diário, ficaram sem água potável por um mês!! Muitos disseram que eu havia morrido... de fato, não sou mais o mesmo... Eu já sofria com a poluição e as secas que vez por outra assolavam a região, mas a lama me deixou muito doente. Por algum tempo nem mesmo peixe existia em minhas águas. As cidades ribeirinhas se preocuparam muito com as minhas águas por causa do abastecimento das populações, mas o meu adoecimento interfere em toda a vida que me rodeia. Me comovi quando vi os Krenak chorando por mim! Eles conhecem o meu espírito... Acho que foi neste momento que as populações ribeirinhas pensaram um pouco mais em mim e no quanto sou importante para o equilíbrio de toda a Bacia Hidrográfica onde moro. Um fato tão grave assim, nunca aconteceu em minha longa vida!!

– Mesmo no tempo dos vulcões? – quis saber a professora.

– É verdade. Bem lembrado. Sempre é bom lembrar que logo no início a Terra era fria, porque a atmosfera primitiva era muito frágil. Eu vivi naqueles tempos quase o ano todo gelado. Vocês não devem esquecer que estas montanhas que vocês estão vendo têm bilhões de anos e eu de algum modo convivi com elas nestes tempos. Há uns 600 milhões de anos atrás, por exemplo, toda a terra esteve coberta com uma grossa camada de gelo, é o que se chama de “Terra Bola de Neve”. Nestes tempos a temperatura era uma bagunça. Ia de 50 graus negativos a 50 graus de um calor insuportável num só dia. Isso ocorreu por séculos. Foram os vulcões que criaram uma atmosfera que conseguia reter o calor do Sol e que pôde aquecer o ambiente e derreter o gelo. As formas de vida mais primitivas surgiram com os produtos químicos dos vulcões. Houve tempos em que o céu ficava escuro com nuvens de cinza dos vulcões. Mas as cinzas iam se depositando aos poucos. E temos que dizer mais, essas cinzas muitas vezes eram férteis e ajudaram na formação das plantas e das florestas. Aqui onde moramos, já há milhões de anos que não temos vulcões. Mas ao redor do mundo temos diversas regiões com vulcões.



– Você poderia dar um exemplo da influência de um vulcão na sua vida aqui nos últimos anos? – perguntou Clara.

– Claro! Vou dar dois exemplos. Um aconteceu há uns oito séculos, lá pelo ano 1250 mais ou menos. Lá na Indonésia o vulcão Samalas teve uma erupção tão violenta que as suas cinzas chegaram por todo o mundo e até aqui. Com isso, por muitos anos, a temperatura ficou mais baixa e ocorreu o que agora se chama de Pequena Idade do Gelo. Aqui também teve efeito: chuvas torrenciais e fases sem chuva alguma. Muitos animais tiveram que migrar e algumas plantas desapareceram. Faz uns 200 anos, houve a explosão do Tambora, também na Indonésia. Ele causou a morte de mais de 100 mil pessoas na hora. A sua influência no clima foi tão grande que naquele ano, 1815, não houve verão. Já imaginaram uma coisa destas. Não é exagero dizer que muitas variações em minha vida vêm dos vulcões. E também não é exagero dizer que todos os tipos de vida, desde os mais simples e até os mais complexos devem a sua existência direta ou indiretamente aos vulcões. Podemos considerar que algumas erupções de vulcões têm uma influência sobre a vida por mais de 500 anos.

– Por isso que devemos tomar cuidado com o ambiente que temos, não é? – falou com orgulho Vitor.

– Tem toda a razão. Aliás, eu que o diga – disse o rio com uma voz um tanto triste. – Além disso, como disse antes, ninguém está isolado. A nossa vida depende de muitas coisas ao mesmo tempo. Mas, apesar de tudo, de toda essa lama que vai demorar muitos anos para desaparecer, nem tudo está perdido. Penso nos rios que jogam água sem lama nas minhas águas, como o Santo Antônio, o Corrente, o Piracicaba e tantos outros. Tudo isso vai com o tempo ajudando a encontrar de novo um equilíbrio. Essa região toda não será a mesma depois da lama. Eu não sei como ficarei daqui uns anos. Mas, espero que todos vocês me ajudem a me recuperar.

- Como podemos fazer isso? – perguntou Vitor, preocupado.

- Bom acho melhor a gente amarrar a nossa prosa com algumas angústias que venho carregando...

amarrando a prosa

Depois de um longo suspiro o rio começou a falar.

- Tenho percebido que toda essa tristeza e o meu estado de saúde tão precário tem servido de alerta para muita gente. Por muito tempo, a memória que tinham da minha presença ocorria de duas formas: a bela paisagem que proporciono e as enchentes que ocorrerem quando recebo um grande volume de águas. Mas, agora acho que a população está percebendo que sou mais que paisagem ou enchente. A minha saúde impacta a todos a vocês. Se minhas águas não tiverem qualidade, podem adoecer a todos. É hora de nos aproximarmos e pensarmos numa convivên-



cia mais saudável! Preciso muito de vocês para me recuperar e, talvez, voltar a ser o rio que um dia eu fui. Depois dessa nossa conversa... fiquei mais animado! Só de vocês me ouvirem, sinto que minhas memórias poderão ser repassadas para outras pessoas. Vamos fazer um combinado entre nós? Prometam que vão contar minhas lembranças para todos os seus amigos? Quanto mais gente conhecer minhas memórias, mais terei chance de continuar existindo... Digam a eles para virem conversar comigo também! Estarei sempre aqui, esperando por todos! Quem sabe um dia, estarei presente na memória de cada morador desta cidade e de todas as outras que vivem às minhas margens? Quem sabe um dia, serei festejado por vocês como um bem natural precioso!!

- Combinado!! – disse Vitor, emocionado. – Vou trazer vários amigos meus para te conhecerem melhor.

- As crianças ficaram tocadas com o combinado e também se comprometeram a escrever sobre as memórias contadas pelo rio Doce... Quem sabe, um dia, elas poderão virar um livro! No retorno para a Escola, todos se mobilizaram para começar a pesquisar tudo sobre o rio. No meio da bagunça dos novos pesquisadores, Clara fez uma pergunta aos colegas: - Quando vamos comemorar o “Dia do Rio Doce”?

- Que ideia genial!! – Disse a professora. Vamos precisar de outras prosas para pensarmos direitinho nesta ideia e começar a pesquisar sobre o assunto...

outras prosas

Nos dias subsequentes os novos pesquisadores se dividiram em grupo e descobriram muitas coisas sobre o rio Doce. Todas essas descobertas foram repassadas para os alunos da escola. Cada grupo fez um cartaz contendo alguns resultados das pesquisas feitas. Assim, os cartazes foram dependurados no pátio com a atividade de cada grupo.

O grupo da Clara descobriu vários vídeos sobre o rio Doce, mas os que mais chamaram a atenção foi um documentário, produzido pelo Canal Futura, em 2017, envolvendo os Krenak:

<https://www.youtube.com/watch?v=4ng52AN3bml>

<https://www.youtube.com/watch?v=DIO2Xpj3IZE>

<https://www.youtube.com/watch?v=wdx8zqE3WZ4>

<https://www.youtube.com/watch?v=0f1q64kPUiY>

<https://www.youtube.com/watch?v=yyjaZbnLHTo>

O grupo do Vitor encontrou um monte de reportagens no site do Diário do Rio Doce (<https://drd.com.br/>). Vitor e os colegas indicaram também que a notícia dessa catástrofe ambiental saiu em muitos outros jornais que eles ainda vão pesquisar.

O grupo do Luizinho descobriu muitas fotos do rio Doce no facebook Fotos Antigas e



Atuais de Governador Valadares. Todos do grupo do Luizinho resolveram fazer uma campanha para todo mundo que tiver uma foto do rio Doce postar lá no facebook:

[Facebook.com/Fotos-antigas-e-atuais-de-Governador-Valadares-MG](https://www.facebook.com/Fotos-antigas-e-atuais-de-Governador-Valadares-MG)

O grupo da Ivanira foi pesquisar nos sites das TVs locais e encontrou várias reportagens sobre o rio. Ela destacou uma para exemplificar o quanto se pode pesquisar. Mas, Ivanira e seus colegas pediram no final do cartaz para alguém organizar um museu do rio Doce, com todas as informações possíveis do rio ao longo de sua existência:

<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/11/lama-afeta-rio-doce-e-os-moradores-dois-anos-apos-tragedia-em-mariana.html>

A professora também fez um cartaz para contar a todo mundo sobre um evento que ocorre na Univale a cada ano sobre o rio Doce. O evento se chama Seminário Integrado do Rio Doce e reúne muitos cientistas. Mas, não é só prosa de universidade não. Nesse evento, os atingidos também falam e contam como estão vivendo depois que o rio sofreu essa catástrofe ambiental.

V Seminário Integrado do Rio Doce

https://www.youtube.com/watch?v=FY1NI-UYKLU&list=PL2FhAHPYU_01ZLNQcx2xpDM8G-QpeyWjJG

V Seminário Integrado do Rio Doce

https://www.youtube.com/watch?v=MWcoPfgJhQc&list=PL2FhAHPYU_01ZLNQcx2xpDM8G-QpeyWjJG&index=2

V Seminário Integrado do Rio Doce

https://www.youtube.com/watch?v=m0x5hRjm1OM&list=PL2FhAHPYU_01ZLNQcx2xpDM8G-QpeyWjJG&index=3

V Seminário Integrado do Rio Doce: apresentação de pesquisas

https://www.youtube.com/watch?v=bG-LnUcEzBA&list=PL2FhAHPYU_01ZLNQcx2xpDM8G-QpeyWjJG&index=4

V Seminário Integrado do Rio Doce: incertezas dos desastres

https://www.youtube.com/watch?v=KRI3A3ZHMyQ&list=PL2FhAHPYU_01ZLNQcx2xpDM8G-QpeyWjJG&index=5

V Seminário Integrado do Rio Doce: 5 anos um grito por justiça!

https://www.youtube.com/watch?v=c4b6s0HA4kk&list=PL2FhAHPYU_01ZLNQcx2xpDM8G-QpeyWjJG&index=6



V Seminário Integrado do Rio Doce: Saúde e ambiente

https://www.youtube.com/watch?v=iIU18qNj-8&list=PL2FhAHPYU_01ZNQcx2xpDM8G-QpeyWjJG&index=7

Ao final do seu cartaz, ela escreveu um pedido para que todos os envolvidos no evento encontrassem um modo de ouvir o rio como eles fizeram e levassem as memórias do rio Doce em suas pesquisas mundo a fora.

Por fim, o último cartaz convidava a todos para indicar a data na qual todas as cidades localizadas próximas ao rio comemorariam o “Dia do rio Doce”, para que ele seja sempre celebrado entre nós! Quanto ao livro de memórias... no próximo ano, no dia do Rio Doce, indicaremos um link para todos conhecerem uma certa prosa que aconteceu lá nas margens do rio...

referências

Sítios eletrônicos consultados:

ARRUDA, Daniel; GONÇALVES, Carlos Ernesto; SCHAEFER, Reynaud. Dinâmica climática e geográfica no Brasil no último máximo glacial: o estado da arte. Estudos Avançados, São Paulo, v. 34, n. 98, jan. abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/HdwHSH8tcdyT-Q7HR43RFvbf/?lang=pt> acesso em: 8 jun. 2021.

BARBOSA, Mônica. Efeitos do vulcanismo no clima: história e vida na Terra. Tempo. com. 24 dez. 2019. Disponível em: <https://www.tempo.com/noticias/ciencia/vulcanismo-no-clima-historia-e-vida-na-terra.html> Acesso em: 8 jun. 2021.

COELHO, André Luiz Nascentes. Compartimentação geomorfológica da Bacia do rio Doce: uma atualização. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 6.2006, Goiânia. Anais [...] Goiânia: IAG, 2006. Disponível em: <http://lsie.unb.br/ugb-/sinageo/6/10/416.pdf> Acesso em: 8 jun. 2021.

Rompimento da Barragem de Mariana. Disponível em: Sobre o rompimento da barragem (boas imagens... dinâmicas). Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento_de_barragem_em_Mariana Acesso em: 8 jun. 2021.

TEIXEIRA, Pedro. Grão de pólen mostra frio e úmido nordeste brasileiro da era do gelo. AUN-USP, São Paulo, 29 nov. 2019. Disponível em: <http://paineira.-usp.br/aun/index.php/2019/11/29/grao-de-polen-mostra-frio-e-umido-nordeste-brasileiro-da-era-do-gelo/> Acesso em: 8 jun. 2021.

GREENPEACE-BRAZIL, Rio Doce: o impacto da lama no corpo e na alma do povo Krenak. 19 abr. 2017. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/rio-doce-impactos-da-lama-no-corpo-e-na-alma-do-povo-krenak/> Acesso em: 8 jun. 2021.



SOBRE OS AUTORES:

Patrícia Falco Genovez

Historiadora, com doutorado em História Contemporânea (Política e Cultura) pela UFF; Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território - UNIVALE. Atua nos projetos de pesquisa: O patrimônio material e imaterial e seu diálogo com a paisagem cultural na microrregião de Governador Valadares e UNIVALE: Memórias, identidades e histórias de vida. Coordena a pesquisa referente ao Inventário das Referências Culturais de Governador Valadares e o site História e Cultura na região de Governador Valadares (<https://www.historiaecultura-governadorvaladares.com/>). Pesquisadora vinculada ao Observatório Interdisciplinar do Território – OBIT/UNIVALE.

José Luiz Cazarotto

Psicólogo e filósofo, com doutorado em psicologia pela UPS (Roma) com apostilamento na USP (Psicanálise da Cultura), estudos e pesquisas sobre Neurociência e Emoções, Semiótica Social e Psicoantropologia do Território, membro da Academia Valadarense de Letras, Membro ativo da Royal Anthropological Institute (Londres), Membro da Anthropos International (Bonn).



